



# zeno, o pacifista

Bruno Mendonça



gueto editorial

# Zeno, o pacifista

Bruno Mendonça



**selo gueto editorial**

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins  
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Bruno Mendonça, 2018**

**Coleção #breves | Livro 14**  
Selo Gueto Editorial ® 2018

**Edição e projeto gráfico**  
Jerome Knoxville

**Edição e revisão**  
Amanda Sorrentino

### **Contatos**

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| [editorgueto@gmail.com](mailto:editorgueto@gmail.com) |

### **Licença**

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

livro quatorze

⊙

## I.

— Número 4.657.890 — gritou a atendente. Por favor, siga-me.

Corredores intermináveis, ele puxando a coleira do Zeno, que queria cheirar toda e qualquer pessoa no meio caminho, exigindo um afago. Olhavam o cão com ar de desprezo, mas este não se incomodava, nem guardava rancor. Se algum daqueles sujeitos engravatados subitamente se abaixasse para acariciá-lo, faria festa, lamperia sua mão, abanaria o minúsculo rabo ziguezagueado.

— Entre, o fiscal o aguarda.

Zeno quis falar com o fiscal, indivíduo taciturno, olhar rígido, bigode retangular atrás da mesa de mármore.

— Número 4.657.890, é isto?

— Sim, senhor.

Fez anotações no computador, olhou o cachorro.

— Bem, o seu número sabe porque está aqui, não sabe?

— Não. Desconheço a lei, senhor.

— O desconhecimento da lei não é motivo aceito para seu descumprimento.

— Por isso vim assim que me chamaram.

— Mas o seu número dever ter uma ideia.

— Sim.

Encarou Zeno, que lambia uma das patas com cuidadosa atenção.

— O senhor é possuidor de um animal de estimação. Este aí, suponho.

Balançou a cabeça.

— Alguém mais é proprietário deste canídeo?

Mentiu descaradamente:

— Não, senhor.

Ah se a Lídia soubesse!

— E o seu número, pelo que consta dos nossos arquivos, consome carne?

— Isso mesmo, com muito orgulho e satisfação, sim senhor.

Com muito orgulho e satisfação, digitou o sujeito, repetindo aquelas palavras num sussurro.

— Pois bem. Tem conhecimento então da Lei nº. 7.456.900.2090-PE/CAT.ANI/2016?

— Sei que existe uma lei, mas não conheço seu teor.

Zeno latiu. Um único latido, depois bocejou.

— Deixe-me esclarecê-lo então. A Lei nº. 7.456.900.2090-PE/CAT.ANI/2016, popularmente conhecida como *Lei da Hipocrisia Carnívora* — o seu número deve recordar-se desta expressão — visa reduzir o

consumo de carne no planeta. Como seu número deve estar ciente, oitenta por cento da poluição do planeta se deve às atividades agropecuárias, isso mesmo, peido de vaca, não ria que é sério. Mas não é só isso, o consumo de alimentos e de água no desenvolvimento dessas atividades ultrapassa exponencialmente o consumo humano, sem contar, é claro, que desmatamento e empobrecimento do solo também são consequências do uso exagerado das terras nessas atividades. Bem, o seu número é bem informado, como vejo no meu sistema, e deve saber disso. Se não sabe, informe-se: o que não faltam são dados.

O homem suspirou, aparentemente cansado. O número 4.657.890 pensou, olhando para o cão, “bom, isso nada tem a ver com você, meu rapaz”, e alisou sua ampla cabeça, as orelhas voltadas para trás, em formato de rosa. Zeno apreciou o afago.

— O Congresso, graças a deus, preza por nossa liberdade. Decidiu, ao contrário do que queriam esses ambientalistas radicais, que a lei não poderia aniquilar nossa principal e única (insisto no “única”) fonte de proteína, então, você sabe, conversa dali, conversa de lá, pou!, aprovaram a Lei nº. 7.456.900.2090-PE/CAT.ANI/2016.

Parou novamente, estufando o peito, e continuou:

— Talvez seja mais simples eu ler alguns trechos dela, o que acha? Não o texto inteiro, claro, só alguns considerandos e artigos, o que me diz? Ótimo.

## II.

— Vejamos. Considerando que blá-blá-blá, isso não importa, esse também não, aqui: “que a liberdade é direito fundamental de todo ser humano” — *humano*, ela diz claramente. Que “agricultores de todo o mundo dependem das atividades atinentes à criação de animais para o abate”; que “nossa cultura orgulhosamente carnívora”, etc e tal; “direito ao prazer decorrente do consumo do sangue de animais”, pápápá; “prazer de tirar vidas que não sejam a do próprio homem, ser obviamente superior às outras espécies”; “tradições”, “cultura”, “filé mignon mal passado”, estou me perdendo aqui, ah!, sim, que, por outro lado, “o planeta morre a cada dia” — eles adotaram a tese do metano, compreende, o peido, sim. Que, portanto, “tomar medidas para redução da produção se revelou tarefa impossível”, claro, o único caminho, diz esse considerando, seria “atacar a demanda, incentivando as pessoas a consumirem menos carne animal”, etc, tátátá. Enfim! Isso, certo, aqui vêm os artigos:

*Art. 1º. Todo consumidor de carne que possua animais de estimação e que, cumulativamente, pretenda continuar consumindo carne, deverá entregar seus animais de estimação para o abate.*

O número 4.657.890 teve um desequilíbrio e derrubou no chão a própria carteira, que ele manipulava pensando em coisas amenas. O fiscal sorriu:



— Calma, calma, nem tudo está perdido. Deixe-me ler o parágrafo único:

*Parágrafo único. Àqueles que decidirem por permanecer na posse de seus animais, não se lhes servirá mais, por toda a vida, carnes e congêneres em restaurantes e supermercados nacionais, cabendo a execução da medida ao Sistema Central Unificado, em colaboração com os fornecedores destas deliciosas iguarias.*

— Bom, depois vem um monte de normas técnicas que não vale a pena serem lidas, eles registram isso no seu chip, blá-blá-blá, então quando você vai pagar, bem, não lhe servem nem mais uma costeleta de porco. Que mais? Ah, sim, o seu número, como decorre do regulamento associado à Lei nº. 7.456.900.2090-PE/CAT.ANI/2016, tem até amanhã para se manifestar, caso contrário o sistema considerará que sua escolha, bem, como posso dizer...

...

— Foi tornar-se vegetariano.

O número encostou-se na cadeira, chocado.

— Mas pense no lado positivo: o garoto aí vai te alegrar por mais o que, que raça é essa... uns... dez anos de vida.

Sorriu. Zeno arrotou.

### III.

Sempre antes de entrar, sentindo o cheiro de Lídia dentro de casa, Zeno punha-se num estado de alegria indisfarçável. Ao mesmo tempo, para não ferir os sentimentos de Carlos, olhava-o de soslaio, a perguntar: “e então, vamos entrar ou não?”.

— Meu lindo! ela dizia, feliz da vida.

E não era com ele, Carlos, mas com o buldogue, que acentuava seu rebolado, e quando ela se abaixava para alisá-lo, punha-se de costas, pedindo carinho na barriga gorducha.

— Cadê meu amor, meu safadinho, hein? É na barriga que você gosta, né? Danado! Coisa linda da mamãe, vou apertar essas rugas até estourar a cabeça dele, num é, coisa gostosa? Buchudinho! É sim, buchudinho sem vergonha, tá precisando fazer uma dieta.

E se sentava no chão, apertava-lhe as bochechas com força, coçava-lhe o queixo. Zeno então se jogava sobre seu colo e, levantando a cabeça majestosa, lambia-lhe o rosto.

Carlos conhecia o enredo, mas se recusou a observá-lo. Sem dizer palavra, deixando a maleta no sofá, foi à cozinha onde imediatamente sentiu o cheiro de um de seus pratos preferidos: macarrão com carne moída e queijo ralado. A fome atiçou-o de modo anormal. Urgente comer logo aquilo, antes que. Antes

que o quê? Não sabia. Seria a última refeição do condenado? Condenado, ele? Não. O Zeno, talvez. Não, não podia entregar o Zeno. Lei dos diabos! E Lídia, pobre Lídia. Por que dizia “pobre Lídia”? Por acaso decidira alguma coisa?

— O que eles queriam? gritou a mulher da sala.

— Nada. Uma besteira de vacinas.

— Ele tomou todas as vacinas.

— É, mas tem uma outra aí, não sei, vou ter que levá-lo novamente.

— Fiz macarronada.

— Estou vendo. Você vai comer agora? Estou morto de fome.

— Pode começar sem mim, vou escovar o pelo desse gordo.

Melhor. Não queria comer na frente dela. Carne. Deliciosa. Se oferecesse ao Zeno, ele devoraria, alucinado. E ninguém o culparia por isto. Lei dos Hipócritas, sei... Ele pode; eu não. Não somos ambos carnívoros? Tá, tudo bem, ele por instinto. Eu, eu. Por escolha? Por gosto, melhor dizendo. O prazer de um medalhão sanguinolento, ahhh! Pensava nessas coisas comendo, a boca cheia, empurrando para dentro o festim com *Coca-Cola* e muito gelo. Combinação perfeita. Melhor do que essa, só se fosse com vinho. Já pensou? Parar de comer carne é a mesma coisa que parar de tomar vinho. Andam juntos, carne e. Pense, parar de comer picanha num churrasco! O que o Zeno tinha a ver com isso tudo? Meu cachorro é meu cachorro; uma vaca é uma

vaca. Bicho feito para ser devorado. Não é diferente? Bicho para ser devorado e bicho para devorar? Cadeia alimentar. O topo dela é quem ordena as coisas. Como vacas e galinhas e peixes. Mas o Zeno, não. Raça superior eu.

— Amor, vou tirar um cochilo. O prato estava delicioso.

Ela não só escovara o pelo do cão, mas tentava lhe cortar as unhas. Guerra total, Zeno detestava isso, tirava a pata, virava o focinho até que, vencido, deixava-a fazer. Mas sua cara enrugada dizia: “putz, tá bom, vamos logo com isso.” Sabedoria canina.

Dormiu como uma pedra. Teve sonhos perturbadores. Numa enorme fazenda, terras a perder de vista, esverdeadas pela grama, buldogues ingleses pastavam, comendo mato. Eram muitos. Um vaqueiro montava não um cavalo, mas um boi. Batia no flanco do animal com uma vara, rodeando os cães. Ele observava a cena, atrás de uma cerca. Um senhor de cara enrugada pelo tempo e palito de fósforos nos dentes amarelos gritou algo bem perto do ouvido. “Assa esse filhotinho que o doutor gosta de carne tenra e trouxe convidados”. Trouxeram o filhote. Não há nada mais belo nesse mundo do que um filhote de buldogue inglês, pode apostar. “O que você acha, perguntou-lhe o senhor”, segurando o bicho pelas patas traseiras, como se fosse um pedaço de carne.

E era.

#### IV.

A mulher era mais carnívora do que ele. Comia boi, porco, peixe, galinha, tudo o que se move pela terra, corta os céus e nada nas profundezas do oceano. Perguntou, como quem não quer nada, se ela tivesse que escolher. “Se você tivesse que escolher...”. Não hesitou: “Zeno. É meu filho. Paro de comer o que for necessário”. “Droga”, pensou. O cão o observava e deu um latido, ele que raramente latia. “Eu sei, Zeno, mas porra, e se eu te pedisse para comer só salada? Hein? Tu nem gosta, vira logo esse focinho sonso, enjoado. O diabo é que eu amo esse cachorro, amo mesmo, mas puta que o pariu! Uma vida inteira sem. Proibido de comprar nos mercados, sem me servirem nos restaurantes. Quem sabe haja um mercado negro onde”.

— Você não vai trabalhar hoje? perguntou a mulher.

— Não. Vou resolver a história da vacina.

— Quer que eu vá com você?

Engasgou, pão e ovo entalados a meio caminho da garganta. Ela bateu-lhe nas costas.

— Toma uma água.

Bebeu. Não precisava. Seria rápido. Não queria atrapalhar. Ok. Vou indo. Certo. Beijo. Você tá frio. Acho que estou adoecendo. Quer o que pro almoço? Costela? Pode ser. Trago um *baby back ribs*. Perfeito, carne tenra.

Assim que saiu, pôs-se a andar de um lado para o outro. Zeno o observava, sentado daquele jeito peculiar que deixava suas bolas à mostra. “Não sei o que fazer. Meu cachorro; meu filé. Por que levei você lá? Podia ter mentido. “Não senhor, não tenho cachorro. Bah, eles têm registro de tudo. E se eu disser que você morreu? Muito inverídico, logo agora que. E vão pedir o registro, tudo se registra hoje. Será que você me entenderia se eu”.

Zeno lambia a pata.

“Você não tá nem aí. Morre sem dar um pio. Estoico. Lembro quando teve aquele problema, a veterinária falou: ‘é impressionante, ele parece não estar ligando, normalmente esse tipo de problema, etc’. Forte você, Zeno. Fica aí lambendo os dedos. A vida toda, porra! Sem comer. Vou comer o quê, grama? E eu por acaso sou uma vaca? Uma vaca é uma vaca, um homem é um homem. O superior devora o inferior, é assim que a natureza funciona. Vegetarianos filhos da puta! Esse povo sim, devia ir parar num açougue, comeria com prazer carne humana, dizem até que é saborosa. Adocicada, parece. Mas o que você tem a ver com isso?”.

“Vamos sair?”

Zeno agitou-se, correu para o quarto, trazendo a coleira entre os dentes. “Buldogue esperto esse. E ainda dizem que é o mais burro da espécie. Se bem

que você deveria notar que. Bem, que talvez eu, hoje, você sabe. Dilema dos infernos! Vamos caminhar, quem sabe eu não decida”.

Andaram quilômetros. Sem perceber, dirigia-se ao prédio da administração. Alguns olhavam para o cão com ares nada amigáveis, quem sabe pensando: “buldogue no espeto”. Outros não: imaginavam que Carlos era um vegetariano que decidira manter seu cachorro vivo. “Aí daqui a uns anos você morre e eu passo o resto da vida sem poder... E Lídia, o que eu diria? A verdade, impossível. Uma desculpa”. Zeno desfilava, majestoso, passos de cavalo puro-sangue, levantando alto as patas. “Você ainda inventa de ser bonitão, né? Essa sua cara de cachorro brabo, e o coração pura manteiga. Vê uma criança e pronto: rebola mais que dançarina de *funk*. Vira o lambedor-mor de mãos rechonchudas e pequeninos pés. Se lhe apresentam o rosto, é baba pra todo lado. Gosta de cheirar, sobretudo, orelhas”.

Estava na frente da longa e íngreme escadaria do edifício. Coincidência: logo ao lado uma rede de *fast food* anunciava em fotografias artísticas aqueles hambúrgueres saborosos, pintados de óleo. Os painéis eletrônicos transitavam de sanduíches de frango empanado a enormes pães redondos com pedaços de bacon escapando pelas bordas. Fritas para complementar, óbvio. Um sorveteinho de sobremesa: “perfeito”. A combinação irresistível, gordura e açúcar. Sentiu fome, o cheiro invadia a rua, a fila engarrafava a calçada.

— Dizem que você não sofre, Zeno. É como uma guilhotina dos tempos modernos, vapt!

Zeno voltava seu nariz para o cheiro da lanchonete. Sua atenção era extrema.

— Você quer, né, seu safado? Tá vendo? Pode me compreender então, não pode? Se você fosse um dos seus antepassados e me encontrasse numa montanha, em pleno inverno, nem pensava duas vezes. Eu sei, eu sei, você vai me dizer que não estamos numa montanha e que o calor está de matar. Não me olha assim. Já pensou dizer pra sua mãe que ela não vai poder comer mais carne? Sei que disse aquilo, mas só porque era uma hipótese. Ela? Não comer mais carne? Até parece! É mais carnívora do que eu. Quando me morde no sexo, é tão violenta que acho que quer arrancar um pedaço. E as piadas sobre fazer pratos com um pedaço da minha corcunda, hein? Aquela mulher é que nem o Leopoldo Bloom: come rim assado no café da manhã. Lambe os dedos, em êxtase. Bacon então, nossa! Não, Zeno, não estou justificando nada. Fome, só isso. Você entende, não entende? Então não choraminga, velho, se não fica ainda mais difícil pra mim.

Entraram no prédio. “Vamos deixar pro último momento. Decidir no instinto, cara a cara com aquele sujeito”.



Anunciaram seu número. Foi à sala do homem. Ele comia picanha com vinagrete, farofa e arroz. O cheiro contaminara a sala. Carlos viu o exato momento em que seus olhos brilharam, a gordura derretendo em sua boca. O fiscal ofereceu-lhe um prato, era rapidinho, só pedir na cozinha, discar um número, menos de dois minutos. Recusou, com água na boca.

— Então, decidiu?

## V.

— Ele não vai sentir nada, não se preocupe.

Carlos tinha lágrimas nos olhos. Não quis olhar o cão e já virava as costas quando o fiscal o interpelou: “aonde vai?”.

Então descobriu, pasmo, que o regulamento exigia a presença do dono na hora do abate. Mas por quê? “Princípio da transparência. O legislador entendeu por bem colocar diante dos olhos de cada ser humano as consequências de suas ações, o senhor não sabia?”. Então ele ia ver... Ia sim, mas que não se incomodasse, era rapidinho.

Botaram Zeno sobre uma mesa metálica, a coleira presa num gancho. Carlos observava a cena, angustiado, do outro lado do vidro. O cachorro o encarava, olhos tranquilos. Às vezes via a altura entre a mesa e o chão, refletindo se pulava, mas o medo o vencia. Bocejou e balançou a cabeça.

— Será que eu poderia ainda...

Não teve tempo de terminar a frase. Como havia pensado, vapt! Lâminas afiadas fatiaram Zeno num lapso de segundo, pedaços perfeitamente cortados, a cabeça caindo ao chão com seu ar de iluminado. Um santo aquele cachorro, morrera sem dar um pio, ciente da importância de seu sacrifício.

Carlos sentiu seu corpo vacilar, o estômago embrulhado, a pressão caindo, aprisionado em intensa vertigem.

— Viu? Não disse que era rápido? Você sabia que entre todas as raças de cães, a carne do buldogue é uma das mais apreciadas? Agora que você pode comer à vontade, aconselho experimentá-la. Macia como nunca se viu. Forte também, o nível de proteína então, o senhor sabia que...

O pai de Zeno, alheio aos conselhos gastronômicos, vomitava numa lata de lixo.

## VI.

Você já pediu a um açougueiro para transformar um filé em medalhões? Ele corta fatias em tamanhos razoavelmente semelhantes. Rodelas. O Zeno virou rodelas num espaço tão infinitamente curto de tempo que nem sangue escorreu do seu corpo parrudo. As rodelas onde no centro se via o círculo da coluna caíram sobre o metal da mesa e também no chão. Som abafado. A cabeça perdeu seu brilho, embora permanecesse o sorriso. Sim, o sorriso. Buldogues sorriem.

Carlos sempre acordava com Zeno lambendo seu rosto. E assim continuou, com a diferença de que, quando abria os olhos, ninguém lambia seu rosto. Eram suas lágrimas que ensopavam bochechas e travesseiro. Abateu-se completamente. Comia muito pouco, abandonava as carnes apetitosas, supostos pedaços de Zeno que ele não conseguia mais ingerir.

A mulher entendia o marido. A fuga do animal, relatada por Carlos nos mínimos detalhes, a pusera em estado semelhante, não fossem os efeitos físicos contrários: o homem parava de comer; ela engordava, ingerindo quantidades cada vez maiores de cadáveres animais. Ao vê-la se alimentar daquele jeito, o homem deixava a mesa, inventava uma desculpa e ia vomitar silenciosamente na privada.

Lídia não desistiu de encontrar seu amado cão: pôs panfletos na rua com sua foto, postou notícia no *Facebook*, fez anúncio em jornais de grande circulação. O marido tentava, muito timidamente, dissuadi-la:

— É uma raça cara, meu amor. Deve ter sido roubado para revender.

— Dane-se! Não vou parar até encontrá-lo.

Mas não o encontrou. E quanto mais procurava, mais engordava. Carlos, ao contrário, emagrecia a olhos vistos. As pessoas lhe perguntavam o segredo daquela dieta e ele tinha vontade de responder: “mate seu cachorro”. Mas quase ninguém tinha cachorros. Para que se ter cães quando se pode ter vacas no prato?

O casamento começou a desandar. Carlos tentava explicar à esposa que comer do jeito que comia ia levá-la à morte, que o consumo de carne era, segundo dados da *Organização das Nações Unidas*, o maior fator de poluição ambiental por causa da emissão de metano (ele agora lia tudo a respeito do tema), da devastação das florestas, da desertificação dos solos, sem contar os malefícios que a carne provocava no organismo, e que diversos produtos de origem vegetal continham proteína suficiente para...

— Carlos! Cala a boca! Você não vê que não tenho condições de pensar nisso agora?

Nem ele tinha. Tentar convencê-la, na verdade, era uma forma de justificar seu ato, ou de redimi-lo, quem sabe. Os dois não se sentavam mais à mesa juntos. Chegava tarde em casa para ter o mínimo contato com ela. Lídia também escapava do homem que parecia não compartilhar a dor da perda de um filho querido. “Insensível”, pensava, “foi com essa pedra de gelo que me casei?”. “Bem que minha mãe tinha me alertado: não case com esse sujeito”.

Vivia cada um no seu inferno particular, até que o tempo, como sói ocorrer, passou. Não que tenha curado as feridas, mas as tornou menos pungentes. A mulher, certo dia, chorou suas últimas lágrimas, aceitando a perda inevitável de Zeno. “Meu filho se foi”.

## VII.

Lídia ainda estava no trabalho quando tocaram a campainha. Agente do correio. Do seu lado, uma caixa enorme. Pediu a Carlos que assinasse o recibo. Remetente: *Ministério da Liberdade*. Destinatário: Número 4.657.890. O funcionário ajudou-o a levá-la para a garagem. Algo se mexia dentro, fazendo barulho. Intrigado, Carlos abriu primeiro a carta:

*Prezado n.º. 4.657.890,*

*Por meio da presente missiva, o MdL vem parabenizá-lo por ter exercido, a partir dos critérios racionais inerentes ao Homem, sua liberdade de escolha, nos termos da Lei n.º. 7.456.900.2090-PE/CAT.ANI/2016.*

*O Estado, apesar de sua proverbial e indiscutível imparcialidade quanto aos temas que dizem respeito ao foro íntimo dos indivíduos, não pode deixar de agradecê-lo por ter optado por uma ação cujas consequências são a manutenção da atividade produtiva de milhões de famílias que vivem da criação de bovinos e similares.*

*O seu número, portanto, contribuiu, com vossa corajosa ação homicida e necessária, para o fortalecimento de nossa economia e da saúde de ferro do nosso povo.*

*Por todas estas razões, eu, Ministro da Liberdade, agradeço pelo gesto cidadão que, espera-se, inspirará outras pessoas no futuro a agirem do mesmo modo.*

*Como prova de nossa gratidão, presentamos seu número com a pequena lembrança que segue em anexo.*

*Atenciosamente,*

*Mané Teobaldo, Ministro da Liberdade da República Federativa do Estado cujo nome não se pronuncia.”*

Carlos largou a carta no chão, preocupado. Aproximou-se da caixa com desconfiança. Abriu-a pelas beiradas e viu surgir uma cabeça marrom de orelhas brancas. Era um bezerro. Rasgou o resto da caixa e o animal pôs-se a andar pela garagem, desorientado, até que foi na sua direção. Carlos nunca vira um bezerro na vida, não sabia como agir. O bicho veio e cheirou-o: no pé, nas pernas, nos genitais. Soltou um gemido, talvez se apresentando: “meu nome é bezerro”. Depois outro: “e o seu?”.

Carlos acocorou-se. O animal perdia o medo. Cheirou-lhe o rosto. Lambeu seu nariz, provocando-lhe cócegas que o fizeram rir. Tentou alisar a cabeça do filhote, mas este se retraiu:

— Calma, não vou lhe fazer mal.

O outro confiou e deixou-se afagar.



Não ia lhe fazer mal? O que dizia? Não era aquele mais um animal doméstico? Podia ter animais domésticos? Qual o intuito daquele presente, senão um incentivo ao abate, a novos massacres? Abraçava o bezerro, o coração apertado, e lhe parecia que o bicho é quem o consolava. Não aguentou: desatou em lágrimas, um choro convulsivo com soluços cavernosos. E quanto mais chorava, mais o bezerro se aproximava, lambendo seus braços, seu pescoço, como fazia o Zeno, quando o via triste.

Ouviu o barulho da porta da sala. A mulher chegava:

— Carlinhos?

Fungou, limpou o nariz, esfregou os olhos, encarou-se na lataria do carro. Ela não podia vê-lo assim. Passou a manga da camisa na cara, ajeitou os cabelos, limpou a camisa dos pelos do animal, afastou-o delicadamente com a mão.

Ela abriu a porta interior da garagem e, surpresa com a cena, perguntou:

— O que é isso?

Ele tentou se recompor mais uma vez, forçou um sorriso, virando o rosto pela metade, a olhar a mulher de soslaio. Em sua cabeça vacilavam as opções que era incapaz de pronunciar em voz alta, pois desabaria em pranto. Não sabia se dizia *nosso cão* ou *nosso almoço*. E no ápice da indecisão preferiu calar-se, engolindo as lágrimas e pondo o animal no colo, entre os braços, como se acalentasse uma criança.

**Bruno Mendonça** (Recife-PE, Brasil). Atualmente doutorando em Línguas Modernas na Universidade de Coimbra, Portugal. Colunista e curador da Revista Philos, na qual publica mensalmente, desde 2016, contos, ensaios e poemas (eventualmente sob o pseudônimo Caio Lobo). Autor da coletânea de contos Trôpegos visionários (Editora Kazuá, 2016) e do romance Liberdade (Editora Kazuá, 2017). Premiado nos concursos SFX de Literatura e José Cândido de Carvalho, edições de 2016. Tem publicado com frequência narrativas curtas em diversos periódicos literários eletrônicos, como nas revistas Enfermaria 6 (Jogando GTA), Subversa (Verne), Desenredos (Gafanhoto) e Gueto (Aos pés de Lisbela).



**selo gueto editorial**

este projeto digital é destinado a correr livre na rede  
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo